

AS PRÁTICAS CULTURAIS DA INFÂNCIA E AS REVELAÇÕES SOBRE A EXPERIÊNCIA DE SER CRIANÇA

Gleisy Viera Campos
Instituto Federal Baiano (IFBaiano), Brasil
Endereço eletrônico: gleisy.campos@ifbaiano.edu.br

Myrtes Dias da Cunha
Universidade Federal de Uberlândia (UFU), Brasil
Endereço eletrônico: myrtes.dias@ufu.edu.br

INTRODUÇÃO

O conceito de “culturas da infância” tem se estabelecido consistentemente pela Sociologia da Infância como elemento distintivo da categoria geracional (CORSARO, 2011; SARMENTO, 2002, 2003). Ao nos apropriarmos dos pressupostos dessa área do conhecimento, buscamos revelar que a criança não é um receptáculo passivo de socialização numa ordem social adulta, mas sujeito-ator, participativo, ativo que reproduz de forma interpretativa o mundo em que vive e, assim, transforma-o e também é transformado.

Dessa maneira, ao estudarmos as culturas infantis no cotidiano escolar, tivemos como objetivo evidenciar o caráter plural da infância e da criança como alter, como os “múltiplos-outro, perante os adultos”, ator-social que cria, reproduz, interpreta subverte a ordem e estabelece uma relação crítica com sociedade.

No desenvolvimento da pesquisa de campo, buscamos desvelar o caráter plural da infância por meio das práticas culturais de crianças vivenciadas no cotidiano escolar. Entretanto, aprofundamos de forma mais minuciosa e acurada nas relações, ações e experiências culturais vivenciadas no pátio do Centro Municipal de Educação Infantil – CEMEI, nos momentos do recreio, nas atividades livres e dirigidas e encontros festivos.

Nesse sentido, procuramos compreender a infância e suas culturas sem a definição de um recorte etário, mas sim, em momentos de relações diversas entre crianças da mesma idade e de idades diferentes, tomando como referência lógica peculiar às “reproduções interpretativas” das culturais infantis e das culturas de pares, conforme apresentam os estudos de Corsaro (2005, 2007, 2011), Certeau (1994) e Sarmento (2002, 2004).

Considerando as crianças a partir desse referencial, que as concebe como atores sociais competentes, potentes, críticos e criativos, dentre as questões que nortearam as observações, destacamos as seguintes: - O que as crianças revelam por meio de suas



culturas sobre a experiência de ser criança? - O que as crianças revelam por meio da socialização com os adultos e outras crianças sobre sua condição de sujeito plural e ator social?

Portanto, ao ouvir as crianças, observá-las em situações diversas de amizade, troca e conflitos, buscamos evidenciar, neste registro, o olhar das crianças sobre a experiência de ser criança.

METODOLOGIA

Ajustamos nosso olhar com o foco na construção de uma metodologia, que não tinha como pretensão, somente realizar uma investigação, mas um encontro com o Outro (as crianças), com a alteridade da infância, que tem como porta de entrada “as ações das crianças e as culturas infantis”. (SARMENTO, 2005, p. 373)

Foi com o intuito de melhor conhecer as infâncias que optamos por pesquisar com as crianças suas experiências sociais e culturais, vivenciadas no pátio do Centro de Educação Infantil de Itabuna/BA, nos momentos do recreio, das atividades de brincadeiras livres, dos encontros festivos, vivenciadas em contextos de interações e troca de experiências intergeracionais e intrageracionais.

O Centro Municipal de Educação Infantil, escolhido para a realização da presente pesquisa, localiza-se na cidade de Itabuna, no sul do estado da Bahia. O CEMEI, atende cerca de 218 crianças entre 1 ano e meio a 5 anos. A equipe de funcionários(as) é composta por 33 profissionais, sendo 08 professoras e 11 auxiliares do desenvolvimento infantil.

Para realizar o estudo aqui proposto, empreendemos uma investigação de caráter qualitativo. Tal abordagem “exige que o mundo seja examinado com a ideia de que nada é trivial, que tudo tem potencial para constituir uma pista que nos permita estabelecer uma compreensão mais esclarecedora do nosso objeto de estudo” (BOGDAN; BIKLEN, 1994, p. 49).

O referencial teórico-metodológico que apresentamos está fundamentado em uma metodologia interpretativa com elementos da perspectiva etnográfica. A metodologia interpretativa é assim denominada em função de se centrar na interpretação de um contexto específico, com um grupo também específico, sendo esse contexto acompanhado da forma mais apropriada possível (GRAUE e WALSH, 2003).

Utilizamos como técnicas e instrumentos de pesquisa a observação participante, o registro escrito no Diário de Campo (depois transformado em Notas de Campo), os



registros fotográficos, as entrevistas realizadas com crianças e os diálogos estabelecidos com elas em situações diversas.

Dessa forma, acreditamos, assim como Rocha (2008), que escutar as crianças exige a construção de estratégias de troca, de interação, mais do que de perguntas e respostas, por isso é necessário que o pesquisador adote papéis diferentes e use estratégias e métodos diferentes que possibilitem a interpretação e análise densa dos dados.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A criança tem sido muito observada e pouco ouvida. Apesar de se ter acumulado conhecimentos valiosos sobre o desenvolvimento infantil, pouco se sabe sobre o significado da experiência de ser criança para a própria criança. Isso permite concluir que o conhecimento sobre as crianças se limita, em grande medida, a uma representação adulta da criança.

O acesso ao conceito de criança das próprias crianças oferece aos educadores informações que podem ser valiosas na definição das diretrizes para um trabalho educativo. Além disso, de forma mais ampla, a aproximação do universo infantil pode representar uma ferramenta a mais na defesa da criança.

A cena apresentada, a seguir, desenrola-se no Centro Municipal de Educação Infantil. Os personagens são meninos com cerca de quatro e cinco anos de idade. Em uma manhã do mês de agosto, estávamos sentados no pátio, quando algumas crianças saíram da sala, com blocos de lego nas mãos e disseram:

Pedro: - Olha, tia, a minha arma!

Pesquisadora - Vocês que fizeram?

João: - Olha! A minha atira de vários lados.

*Daniel vai se aproximando, fica bem perto de mim e diz: -
Vou comprar uma doze pra matar o bicho.*

Pesquisadora: - Que bicho?

Daniel: - O bicho do filme que eu assisti, ele tem pouco poder.

Cléber entra na conversa e diz: - Quem tem poder é Deus.

Daniel: - Eu tenho poder.

Cleber: - Mas você é pequeno.

Pesquisadora: - Gente grande tem poder? Seu pai tem poder?

Cléber: - Sim.

Pesquisadora: - Então não é só Deus que tem poder?

Cleber e Daniel permanecem em silêncio.

Pesquisadora: - O que faz a pessoa ter poder?

Cleber: - Matar sapo, matar cobra.

Daniel: - Ser forte.

(Diário de Campo – 16 de agosto de 2012)



Cenas como a anterior são muito ricas em informações sobre as crianças e seus universos. Naquela cena, em específico, chamou-nos a atenção a ideia que as crianças revelam sobre o que é ser adulto, aquele que tem “poder”, tem força, chegando a ser colocado numa condição próxima a Deus. A criança, por ser pequena, tal como ficou evidente na cena acima, não tem poder, o poder de decidir, o poder para lutar, para matar os bichos, o sapo, a cobra.

Há uma hierarquia nas relações entre adultos e crianças, expressa pelo poder do adulto e materializada sob a forma de regras. Essa realidade vivenciada pelas crianças, e até mesmo por suas famílias, pode justificar o fato de que 25% das 25 crianças entrevistadas, com idade entre 3 e 5 anos, afirmaram que não se consideravam crianças, mas sim adultos. Entre outras coisas, a esse respeito, disseram o seguinte:

Sou adulto, porque sou forte, sou menino (Iago - 4 anos).

Sou adulto, porque eu luto e bato. Isso mesmo sou homem, sou homem de lutar (Kleyton – 4 anos).

Sou adulto, porque faço comida, varro casa, passo pano, lavo a casa (Nilza – 5 anos).

Adulto, porque faço comida, feijão, arroz (Ana Lúcia – 5 anos).

Adulto, porque ensaio na igreja, faço comida, boto arroz no fogo (Katarina – 5 anos).

Sou adulto. Adulto dá merenda (Maria – 4 anos).

Como as crianças são plurais, plurais também são as formas pelas quais interpretam suas experiências sociais e culturais da infância em grupos inter e intrageracionais, pois não estão em um universo isolado da vida social e cultural. Ao contrário, desenvolvem-se em um mundo humano, repleto de significados que são com elas compartilhados.

A relação de mando e submissão/obediência presente na relação dos adultos com as crianças, também expressa o que Certeau (1994) apresenta como táticas produzidas por sujeitos subalternizados, isto é, práticas em que tais sujeitos “se apropriam do espaço organizado pelas táticas da produção sociocultural [...] e alteram seu funcionamento por uma multiplicidade de ‘táticas’ articuladas sobre os detalhes do cotidiano” (CERTÉAU, 1994, p. 41, grifos do autor).

Nesse sentido, as crianças, quando desenvolvem ações coletivas e um olhar próprio, viram pelo avesso a ordem das coisas, subvertem o sentido da história, mudam a direção de certas situações e, assim, transformam e são transformadas, por meio de suas culturas infantis expressas em seus modos de pensar, de agir, comunicar-se, atribuir sentidos, aprender, ensinar, brincar, conviver relacionar-se, etc., tal como se



verá a seguir, a partir da apresentação de algumas situações observadas entre as crianças e seus pares e as crianças e os adultos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para o estudo e entendimento da condição infantil, é preciso levar em conta que as crianças estão imersas nos processos de socialização dos modos de vida adultos e, por isso, possuem uma autonomia relativa em relação a esses modos de viver e aos processos de institucionalização da infância e de controle de suas experiências, seja pela sociedade, pela família e escola.

Nesse sentido, enfrentar a questão das tensões e contradições presentes nas relações entre adultos e crianças é fundamental para se avançar em direção a uma concepção de socialização que integre esses dois atores sociais no CEMEI, e, possivelmente, em outras instituições de educação infantil, a tal ponto que as manifestações das crianças não sejam despercebidas e reduzidas a invisibilidade.

Enfim, dar visibilidade às crianças do CEMEI e suas produções culturais no cotidiano escolar foi nossa intenção, ao desejar compreender como elas vivenciam as experiências de ser criança no cotidiano da Educação Infantil e como produzem suas culturas infantis nas relações entre seus pares, no espaço-tempo do recreio, das atividades livres e dirigidas e das festividades realizadas no pátio do CEMEI de Itabuna.

PALAVRAS-CHAVE: Culturas infantis; Criança; Infância.

REFERÊNCIAS

- BOGDAN, R. C.; BIKLEN, S. K. **Investigação Qualitativa em Educação: uma introdução à teoria e aos métodos.** Porto – Portugal. Porto Editora, 1994.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano.** 1. Artes de fazer. 11 ed. Tradução: Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.
- CORSARO, William. **Entrada no Campo, aceitação e natureza da participação nos estudos etnográficos com crianças pequenas.** Educação & Sociedade, vol. 26, nº 91, maio-agosto, 2005, p. 443-464.
- _____. **Uma discussão geral sobre etnografia.** Informação fornecida no Curso Reprodução interpretativa e cultura de pares em crianças. Faculdade de Educação da Unicamp. Porto Alegre, 2007. (texto digitado).
- _____. Reprodução interpretativa e cultura de pares In: MULLER, Fernanda; CARVALHO, Ana Maria Almeida. **Teoria e prática na pesquisa com crianças: diálogos com William Corsaro.** São Paulo: Cortez, 2009.



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL
DO SUDESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional
VI Colóquio Internacional
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
VITÓRIA DA CONQUISTA

**15 a 18
outubro
2019**

_____. **Sociologia da Infância**. Porto Alegre: Artemed, 2011.

GRAUE, Elizabeth; WALSH, Daniel. **Investigação etnográfica com crianças: teorias, métodos e ética**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.

ROCHA, Eloisa Acires Candal Rocha. Por que ouvir as crianças? Algumas questões para um debate científico multidisciplinar. In: CRUZ, Sílvia Helena Vieira (Org.). **A Criança Fala: a escuta de crianças em pesquisas**. 1 ed. São Paulo: Cortez, 2008, p.43-51.



DISTOPIA, BARBÁRIE E CONTRAOFENSIVAS NO MUNDO CONTEMPORÂNEO